

Neste número falamos de barreiras, bordos, límites e fronteiras, pero tamén cruzamos pasos, pontes e poldrados. Percorremos a nosa raia e viaxamos até outras raías afastadas deste mundo supostamente sen fronteiras. Furamos polos subeiros dos lobos e dos contrabandistas que operan nas alfándegas difusas entre a vida e a morte, entre nós e os outros, entre a luz e a escuridade, entre o civilizado e o salvaxe. Imos na procura dese taoísmo que nos fai lembrar unha vez máis que é precisamente no límite onde sempre acontece todo o interesante. Porque para nós as fronteiras políticas nunca foron nin serán liñas divisorias trazadas sobre os mapas, senón raías, espazos porosos e permeables, onde non teñen cabida as barreiras artificiais que cada día ignoran as aguias, os garraos e os lobos arraianos.

[As fotos da serie "Vivir en la Raya" de Antonio Covarsí ilustran esta entrega]

Colaboran neste número

Pedro Alonso
Aser Álvarez
Anabel Amigo
Nuria Araújo García
María Teresa Araújo García
Susa Blanco Montecelos
Luís Baullosa
Fermín Bouza
Olalla Cociña
Carlos Codias
Xavier Cordal
Laura Covarsí
Miguel Dantas da Gama
José María de Aguiar Carreiro
Susó Díaz
José Domínguez
José María Eguileta Franco
Sérgio Fernandes
Manuel Garrido Rivero
Daniel Gil
Luís Gil Pita
Fernando Martinho Gimarães
Marín Guillermo Ramírez
Santiago Lamas
José Lamela Bautista
Alberto Lema
Álvaro Xosé López Mira
Sergio Lorenzo
Xilberte Manso de la Torre
Xurxo Martínez González
Xulio Medela
Xosé Luís Méndez Ferrín
Franck Meyer
Juan J. Moralejo
Álvaro Negro
Carlos Negro
Ramón Nicolás

Alexandre P. Meire
Varico Pereira
Xerardo Pereiro
Cástor Pérez Casal
David Pérez López
Mercedes Queixas Zas
Joel R. Gómez
Baldo Ramos
Armando Requeixo
Xosé Benito Reza
Xulio Ríos
Antón Riveiro Coello
Manuel Rivero Pérez
Americo Rodrigues
Manuel Xusto Rodríguez
Xurxo Sierra Veloso
Samuel Solleiro
Alberto Trillo
Enrique José Varela Álvarez
Xosé Manuel Vega
Nicolás Vidal López

FOTOGRAFÍAS

Javier Alonso Crespo
ANTONIO COVARSI
Laura Covarsí
Susó Díaz
Sérgio Fernandes
Iván Nespereira
Miguel Piñeiro
Alonso Vázquez

ILUSTRACIÓN

Noemí Casal
Andreia López
José Projecto

ARRAIANOS VIII

Vivir na raia

Vivir na raia

ARRAIANOS

Número VIII — ANO 2010



PVP: 10 euros

alvarellos
EDITORIA



Turismo nas fronteiras e as fronteiras do turismo

Xerardo Pereiro e Varico Pereira

Introdução

A fronteira, na sua concepção moderna, tem sido um mecanismo do Estado-nação burguês para afirmar as identidades nacionais. Portanto a fronteira serviu historicamente como instrumento ideológico de construção e organização das diferenças entre projectos políticos dos Estados centrais. Assim a fronteira serviu de limite e barreira das identidades colectivas estatais. Porém, face a essa dominação dos interesses dos centros, os periféricos habitantes da fronteira luso-espanhola moldaram estrategicamente umas identidades transfronteiriças em função de interesses e necessidades (ex. contrabando, fuga da guerra colonial, migrações, solidariedades, etc.), convertendo o que em teoria é uma barreira em algo mais poroso e com pontos de passagem ou pontes.

A meados da década de 1980 os sentidos e significados das fronteiras mudou na União Europeia, e mais concretamente no contexto ibérico. Com a entrada de Portugal e Espanha na antiga CEE o quadro de relações peninsulares e por consequência o de relações transfronteiriças mudou. Essa mudança obedeceu em primeiro lugar a interesses económicos de alargamento do capitalismo, ocultos sob o discurso da integração económica. Em segundo lugar a interesses de coesão social e territorial que optaram pela resolução pacífica dos conflitos e das diferenças

entre os diferentes países europeus (recordar que no século XX, a Europa tinha protagonizado duas guerras mundiais), recriando uma nova identidade europeia. Nesse cenário económico e político as fronteiras passaram a ser um estorvo e havia que acabar com elas. E em terceiro lugar o “fim das fronteiras” representou um certo desejo das populações fronteiriças e de sociedades civis organizadas que aspiravam a construir novas identidades transnacionais que passavam pelo acréscimo das relações com os vizinhos.

Qual o papel do turismo nessa transformação do sentido das fronteiras?

Turismo transfronteiriço

A cooperação transfronteiriça tem passado de uma quase não existência, para se tomarem a norma no século XXI, com importantes implicações para o turismo.

Antes da entrada de Espanha e Portugal na actual União Europeia atravessar a fronteira era uma espécie de viagem de aventura. Na raia húmida do Minho apenas se podia atravessar pela muito controlada ponte de Valença-Tui ou por meio dos famosos transbordadores (ex. Vila Nova da Cerveira – Goián; Monção – Salvaterra). Os postos alfandegários fechavam pela noite e havia que procurar outras alternativas para cruzar.

A realidade hoje é algo diferente aumentaram as pontes, diminuíram os controlos e os pontos de passagem ficaram abertos. Disso tem-se beneficiado um turismo que podemos denominar transfronteiriço, e ao mesmo tempo também é resultado desse processo de intercâmbio turístico. O turismo é um fenómeno e uma actividade humana complexa que podemos definir do ponto de vista económico, técnico ou holístico e integral. Deste último ponto de vista o turismo é um sistema de relações interétnicas que tem como base uma cultura de encontro hospitaleira entre anfitriões e convidados.

No caso do Norte de Portugal e a Galiza esse turismo transfronteiriço está intimamente ligado a um fenómeno excursionista que redefine e estica a

fronteira, isto é, as viagens transfronteiriças aumentaram a sua distância numa cultura de mobilidades motivadas por interesses culturais (ex. visita às cidades património da humanidade como Santiago de Compostela ou Guimarães), comerciais (ex. IKEIA, o mercado semanal de Vila Nova da Cerveira ou El Corte Inglés de Vigo), religiosas, de divertimento, lazer, etc. Além do excursionismo temos um turismo de fim-de-semana que transvaza as fronteiras para alojar-se em Espinho, Póvoa de Varzim, Sanxenxo ou A Toxa do lado galego.

Uma expressão gráfica destas mobilidades são os quadros que vêm a seguir, e que, de certa forma, confirmam a raia galaico-portuguesa como a mais movimentada da fronteira luso-espanhola:

Passos transfronteiriços	Trânsito de veículos em 2002
Valença-Tui	12.597 diários
Caia-Badajoz	6.777 diários
Monte Francisco-Ayamonte (Huelva)	6.353 diários
Vilar Formoso-Fuentes de Oñoro (Salamanca)	4.799 diários

Fonte: Observatorio Transfronteiriço Espanha-Portugal (Ver: La Voz de Galicia, edição de Vigo, 8-12-2003, p. 12).

Passos transfronteiriços	Trânsito de veículos em 2004
Valença-Tui	16.798 diários
Monte Francisco (Vila Real de Santo António) -Ayamonte (Huelva)	10.469 diários
Caia-Badajoz	8.773 diários
Vilar Formoso-Fuentes de Oñoro (Salamanca)	7.460 diários
Monção – Salvaterra de Miño	6.000 diários
Vila Verde da Raia – Verín	4.810 diários

Fonte: Ministerio de Fomento (Espanha).
Ver em: <http://www.fomento.es/NR/rdonlyres/77CDEB86-BA75-4869-A4BD-9CC1FB6950D2/22322/ObsESPOR.pdf>
(Consultado em 30 de Julho de 2009).



Valença do Minho

Caberia perguntar-nos até que ponto estas práticas de mobilidade mudam o olhar e a imagem do outro, porque pensamos que, paradoxalmente, esse fim das fronteiras do que tanto fala a UE fez com que se levantassem outros limites simbólicos, mentais, imaginários e económicos (desigualdades). Constroem as mesmas imagens e experiências os portugueses que visitam A Toxa de autocarro, que os que ficam alojados no Grande Hotel da Toxa (5 estrelas)?

Turismo de fronteira

Entre a Galiza e Portugal existe um terceiro país, que é “a raia”, esculpida pelo escultor tempo e ajudada por humanos que sofreram as guerras entre Estados e as mudanças, muitas vezes ameaçantes, de regimes políticos. A raia galaico-portuguesa está-se a converter em pa-

trimónio cultural (e natural), e por consequência num produto turístico-cultural. Esse processo é protagonizado por mediadores culturais que contribuem para a criação de narrativas temáticas patrimoniais como as rotas do contrabando, os museus do contrabando e da fronteira, as rotas de turismo cultural, etc.

Num momento em que o Estado e o Mercado querem acabar com as fronteiras, os agentes sociais da fronteira reinventam esta e afirmam a sua identidade diferencial com interesses de reprodução social. São dignos de realce casos como os da Fraga dos Três Reinos e Moimenta em Vinhais, Vilardevós na Galiza, Vilarelho da Raia e Cambedo em Chaves, o Ecomuseu do Barroso, Vilar de Perdizes, o Couto Misto e Tourém em Montalegre, Castro Leboreiro ou Vila Nova da Cerveira. Na raia seca com a Galiza os processos de pa-

trimonialização e turistificação estão associados a uma reinvenção das ruralidades em crise. Na raia húmida estes processos de reinvenção da fronteira estão mais associados à re-construção de pequenas e médias cidades seguindo modelos urbanos nostálgicos, artísticos e ecológicos.

Conclusões

Diante do panorama da globalização, que podemos fazer desde e pela raia? A resposta que nos parece mais adequada é a da re-colonização contra o abandono demográfico da raia seca. Essa re-colonização pode utilizar os patrimónios culturais herdados para promover um turismo histórico, mas também um turismo de memórias da raia, um turismo gastronómico e o, hodierno, *touring* cultural e paisagístico que contribua para o desenvolvimento da raia e também para uma

dignificação desses espaços. A aposta turística parece-nos adequada sempre que integrada e articulada com uma estratégia integral (ex. a reinvenção de uma agricultura ecológica e sustentável que valorize os recursos próprios, e não poucos da fronteira).

Somos cientes de que a raia é um espaço de possibilidades para a criação de um turismo intercultural, pois ela actua como um jogo de espelhos que nos ajuda a ser melhores viajantes e a compreender-nos melhor a nos próprios e aos outros de uma forma menos etnocêntrica e menos preconceituosa. Para isso torna-se necessário identificar elementos inovadores da tradição que posicionem a raia como destino turístico, e também juntar os agentes sociais mediadores na formulação de estratégias de desenvolvimento turístico sustentáveis. 🌍